

" Montei no cavalo escuro
E trabalhei logo de espora;
E gritei - aperta, gente,
Que o meu boi se vai embora! -

" No cruzar de uma picada
Meu cavalo relinchou.
Dei de rédea para a esquerda
E o meu boi me atropelou!

" Nos tentos levava um laço
De vinte e cinco rodilhas,
Prá laçar o boi barroso
Lá no alto das coxilhas!

" Mas no mato carrasquento
Onde o boi estava embretado,
Não quis buscar o meu laço,
Prá não vê-lo retalhado.

" E mandei fazer um laço
Da casca do jacaré,
Prá laçar meu boi barroso
Num redomão pangaré.

" E mandei fazer um laço
Do couro da jacutinga,
Pra laçar meu boi barroso
Lá no passo da restinga.

"E mandei fazer um laço
Do couro da capivara
Prá laçar meu boi barroso
Nem que fosse a meia cara;

" Este era um laço de sorte
Pois quebrou do boi a balda"...

.....
.....

No tranquilo ia, cantando, e pensando
na sua pobreza, no atrazo das suas cou
sas.

No atrazo de suas cousas, desde o dia
em que topou - cara a cara! - com o Caipora
num campestre da serra grande, prá lá, muito
longe, no Botucaraí...

A lua ia recém saindo...; e foi à boqui
nha da noite...

Hora de agouro, pois então!...

Gaúcho valente que era dantes, ainda
era valente, agora; mas , quando cruzava o facão

com qualquer paisano, o ferro de sua mão ia mermando e o do contrário o lanhava...

Domador destorcido e parador, que por só pabulagem gostava de paletear, ainda era domador, agora; mas quando gineteava mais fo lheiro, às vezes, num redepente, era voltado...

De mão feliz para plantar, que lhe não chochava semente nem muda de raiz se perdia, ainda era plantador, agora; mas, quando a se meadura ia apontando da terra, dava a praga em toda, tanta, que benzedura não venciam...; e o arvoredado do seu plantio crescia entecado e mal floria, e quando dava fruta, era mixe e era azeda....

E assim, por esse teor, as cousas cor riam-lhe mal; e pensando nelas o gaúcho pobre, Blau, de nome, ia, ao tranquilo, campearado, sem topar coo boi barroso.

De repente, na volta duma reboleira, bem na beirada de um boqueirão, sufrenou o to gado...! alí em frente quieto e manso, estava um vulto, de face tristonha e mui bnaca.

Aquele vulto era de face branca....aque la face tristonha!....

Já ouvira falar dele, sim, não uma nem duas, mas muitas vezes...; e de homens que o

procuravam, de todas as pintas, vindos de longe, num propósito, para endrônimas de encantamentos...conversas que se falavam baixinho, como num medo; pro caso, os que podiam contar não contavam, porque uns, desandavam apatetados e vagavam por aí, sem dizer coisa com coisa, e outros calavam-se muito bem calados, talvez por juramento dado....

Aquale vulto era o santão da salamanca do cerro...

Blau Nunes sufrenou o cavale. Correu-lhe um arrepião no corpo, mas era tarde para recuar: um homem é para outro homem!...

E como era ele quem chegava, ele é que tinha de louvar; saudou:

- Daus'Sus-Cris!...

- Para sempre, amém! disse o outro, e logo ajuntou: O boi barroso vai trepando o cerro acima, vai trepando....Ele anda cumprindo o seu fadário....

Blau Nunes pasmou do adivinho; mas reposou:

- Vou no rastro!....

- Está enredado.....

- Sou tapejara, sei tudo, palmo a palmo, até a boca preta da furna do cerro

- Tu... tu, paisano, sabes a entrada da salamanca?....

- É lá?...Então sei, sei! A Salamanca do Cerro do Jarau....Desde a minha avó charrua que ouvi falar!...

- O que contava a tua avó?...

- A mãe da minha mãe dizia assim:

II

- Na terra dos espenhóis, do outro lado do mar, havia uma cidade chamada - Salamanca - onde viveram os mouros, os mouros que eram mestres na arte da magia; e era numa fuma escura onde eles guardavam o condão mágico, por causa da luz branca do sol, que diz que desmancha a força da bruxaria....

O condão estava no regaço de uma fada velha, que era uma princesa moça, encantada, e bonita, bonita como só ela!....

Num mes de quaresma os mouros escarneceram muito dos jejuns dos batizados, e logo perderam uma batalha muito pelejada; e vencidos foram obrigado a ajoelharem-se ao pé da Cruz Bendita....e bateram nos peitos, pedidndo perdão...

Então, depois, alguns, fingidos de cristãos, passaram o mar e vieram dar nestas terras sossegadas, procurando riquezas, ouro, prata,

pedras finas, gomas cheirosas...riquezas para levantar de novo seu poder e alçar de novo a Meia-Lua sobre a Estrela de Belém...

E para segurança das suas traças, trouxeram escondida a fada velha, que era a sua formosa princesa moça...

E devia ter mesmo muita força o condão, porque nem os navios se afundaram, nem os frades de bordo desconfiaram, nem os próprios santos que vinham, não sentiram....

Não admira, por que o condão das mouras encantadas sempre aplastou a alma dos frades, e não se importa com os santos do altar, porque esses só são imagens....

Assim bateram nas praias da gente pampiana os tais mouros e mais outros espanhóis renegados. E como eles, eram, todos, de alma condenada, mal puseram pé em terra, logo na meia-noite da primeira sexta-feira foram visitados pelo mesmo Diabo deles, que neste lado do mundo era chamado de Anhangá-pitã e mui respeitado. Então, mouros e renegados disseram ao que vinham; e Anhangá-pitã folgou muito; folgou, porque a gente nativa daquelas capmanhas e destas terras

era gente sem cobiça de riquezas, que só comia a caça, o peixe, as frutas e as raízes que Tupã despejava sem conta, para todos, de suas mãos sempre abertas e doce doras...

Por isso Anhangá-pitã folgou, porque assim minava o peito dos inocentes com as maldades encobertas que aqueles chegados traziam...; e pois, escutando o que eles ambicionavam para vencer a Cruz com a força do Crescente, o maldoso pegou o Condão mágico - que navegara em navio bento entre santos milagrosos e frades resadores - esfregou-o no suor do seu corpo e virou-o em pedra transparente; e lançando o bafo queimante do seu peito sobre a fada moura, demudou-a em teiniaguá, sem cabeça. E por cabeça enrraveu então no corpo da encantada a pedra, aquela, que era o condão, aquele.

E como já era sobre a madrugada, no crescimento da primeira luz do dia, dos sol vermelho que ia querendo romper dos confins por sobre o mar, por isso a cabeça da pedra transparente ficou vermelha como bras e tão brilhante que os olhos da gente vivente não podia parar nela, ficando encandeados, quase cegos!...

E desfez-se a companha até o dia da peleja

da nova batalha. E chamaram - Salamanca - à fuma desse encontro; e o nome ficou pras furnas todas, em lembrança das cidades dos me tres mágicos.

Levantou-se um venturrão de tormenta e Anhangá-pitã, trazendo num bocó a teiniaguá, montou nele, de salto, e veio correndo sobre a correnteza do Uruguai, por léguas e léguas, até as suas nascentes, entre serranias macotas.

Depois, desceu, sempre com ela; em sete noites de sexta-feira ensinô-lhe a vaquenagem de todas as furnas recãdas de tesouros escondi dos...escondidos pelos caúlas, perdidos para os medrosos e achadios de valentes...E a mais desses, muitos outros tesouros que a terra esconde e que só os olhos dos zaoris podem vispar...

Então, Anhangá-pitã, cansado, pagou num cochilo pesado, esperando o cardume das desgraças novas, que deviam pegar prá sempre.

Só então tomou tenência que a teiniaguá era mulher.....

Aqui está tudo o que eu sei, e que minha avó charrua contava a minha mãe, e que ela, já ouviu como cousa velha, contar pros outros, que , esses, viram!.....

E Blau Nunes bateu o chapéu para o salto da

cabeça, deu um safanão no cinto, apertando o fecho...; foi parando o gesto e ficou-se olhando, sem mira, para muito longe, para onde a vista não chegava mas para onde o sonho acordado que havia nos seus olhos chegava de sobra e ainda passava.... ainda passava, porque o sonho não tem lindeiros nem tapumes....

Falou então

o vulto de face branca e tristonha; falou em voz macia. E disse assim:

III

É certo:

não tomou teneência que a teiniaguá era mulher...
Ouve, paisano.

No costado da cidade onde eu vivia havia uma lagoa, larga e funda, com uma ilha de palmital, no meio. Havia uma lagoa....

A minha cabeça foi banhada na água benta da pia, mas nela entraram soberbos pensamentos maus. O meu peito foi unguido com os santos óleos, mas nele entrou a doçura que tanto amarga, do pecado.

A minha boca provou do sal piedoso...e nela entrou a frescura que requeima, dos beijos da tentadora...

Mas, é que assim era o fado...; tempo e homem virão para me libertar, quebrando o encanto que me amarra; duzentos hão de findar; eu

esperarei no entanto, vivendo na minha tristeza seca, tristeza de arrependido que não chora....

Tudo o que volteia no ar tem seu dia de aquietar-se no chão....

Era eu que cuidava dos altares e ajudava a missa dos santos padres da igreja de S. Tomé, ao lado do poente do grande Rio Uruguai. Sabia bem acender os cêrios, feitos com a cera virgem das abelheiras da serra; e bem balançar o turíbulo, fazendo ondear a fumaça cheirosa do rito; e bem tocar a santos na quina do altar, dois degraus abaixo, à direita do padre ; e dizia as palavras do missal; e nos dias de festa sabia repicar os sinos; e bater as horas, e dobrar a finados.... Eu era o sacristão.

Um dia, na hora do mormaço, todo o povo estava nas sombras, sesteando; nem voz grossa de homem, nem cantoria das moças, nem choro de crianças: tudo sesteava. O sol faiscava nos pedregulhos lustrosos, e a luz parecia que tremia, peneirada no ar parado , sem uma viração.

Foi nessa hora que eu saí da igreja, pela portinha da sacristia, levando no corpo a frescura da sombra benta, levando na roupa o cheiro da fumaça piedosa. E saí sempensar em nad, nem de bem

nem de mal; fui andando; como levado...

Todo o povo sesteava, por isso ninguém viu.

A água da lagoa borbulhava toda, numa fervura, rónquejando tal e qual uma mamita no borrarho. Por certo, que lá embaixo, dentro da terra, é que estaria o braseiro que levantava aquela fervura que cozinhava os juncos e as traíras e pelava as pernas dos socós e espantava todos os mais bichos barulhentos daquelas águas.

Eu ví, ví i milagre de ferver, toda uma lagoa..., ferver sem fogo que se visse!

A mão direita, pelo costume, andou para fazer o "Pelo-Sinal"...e parou, pesada como chumbo; quis rezar um Credo e a lembrança dele recuou; e voltar, correr e mostrar o Santíssimo...e tanger o sino em dobre....e chamar o padre superior, tudo para esconjurar aquela obra do inferno...e nada fiz...nada fiz, sem força na vontade, nada fiz... nada fiz, sem governo no corpo!...

E fui andando, como levado, para mais perto ver, e não perder de ver o espantoso....

Porém, logo outra força acalmou tudo; apenas a água fumegante continuou retorcendo os lofos remexidos, onde boiava toda uma mortandade dos viventes que morrem sem gritar.....

Era no fim de um lançante con
prido, estrada batida e limpa, de todos os dias
as mulheres irem para a lavagem; e quando eu
estava na beira da água, vendo o que estava
vendo, então rompeu dela um clarão, maior que
o da luz a pino do dia, clarão vermelho, como
dum sol morrente, e que luzia desde o fundo da
lagoa e que varava a água barrenta....

E veio crescendo para a barranca,
e saiu e tomou terra, e sem medo e sem ameaça
veio andando para mim a sempre escapada maravi
lha....maravilha que os que nunca viram juravam
sempre ser - verdade - e que eu, que estava
vendo, ainda jurava ser - mentira!-

Era a teiniaguá, de cabeça de
pedra luzente, por sem dúvida; dela já tinha
ouvido ao padre superior a história contada dum
contradição que quase cegou de teimar em agarrá
-la.

Enterrei os olhos, coando a vista,
cautelando o perigo; mas a teiniaguá veio se
chegando, deixando no chão duro um rastro d'água
que escorria e logo secava, do seu corpinho
verde de lagartixa engraçada e buliçosa....

Lembrei-me - como quem olha dentro
duma cerração -, lembrei-me do que corria na voz

da gente sobre o entanguimento que trespassa o nosso corpo na hora do encantamento! é como o azeite fino num couro ressequido....

Mas não perdi de todo a retentiva: pois ^{o que} da água saía, é que na água viveria. Ali perto, entre os capins, ví uma guampa e foi o quanto agarrei dela e enchi-a na lagoa, ainda escaldada, e frenteei a teiniaguá que, da vereda que levava, entreparou-se, tremente, firmando nas patinhas da frente, a cabeça cristalina, como curiosa, faiscando.....

De olhos apertados, piscando, para me não atordoar de um golpe de cegueira, assentei no chão a guampa e preparando o bote, num repente, entre susto e coragem, segurei a teiniaguá e meti-a para dentro dela!

Neste passo senti o coração como que martelar-me no peito e a cabeça sonando como um sino de catedral.....

Corri para o meu quarto, na casa grande dos santos padres. Entrei pelo cemitério, por detrás da igreja, e desatinado, derrubei cruces, pisoteei ramos, calquei sepulturas!...

Todo o povo seesteava; por isso ninguém viu.

Fechei a guampa dentro da canastra e fiquei estatelado, pensando.

Por falar do padre superior eu bem sabia que quem prendesse a teiniagua ficava sendo o homem mais rico do mundo; mais rico que o Papa de Roma, e o imperador Carlos Magno e o rei da Trebizonda e os cavaleiros da Tábula....

Nos livros que eu lia estes todos eram os mais ricos que se conhecia.

E eu, agora!.....

E não pensei mais dentro da minha cabeça, não; era uma coisa nova e esquisita : eu via, com os olhos, os pensamentos diante deles, como se fossem coisa que se pudesse tatear com as mãos....

E foram se escancarando portas de casteelos e palácios, onde eu entrava e saía, subia e descia escadarias largas, chegava às janelas, arredava repsoteiros, deitava-me em camas grandes, de pés torneados, e barrava-me em trastes que nunca tinha visto e servia-me em baixelas estranhas, que eu não sabia para que prestavam...

E foram-se estendendo e alargando campos sem fim, perdendo o verde no azul das distâncias, que também eram minhas e todas cheias de gadarias, rebanhos e manadas.

E logo cancheava ervas nos meus
ervais, cerrados e altos como nato virgem. ...

E atulhava de planta colhida -
milho, -feijão, mandioca - os meus paióis.

E detrás de minhas omas, entodos os
quartos dos meus palácios, amontoava surrões
de ouro em pó e pilhotes de barras de prata;
dependuradas na galhação de cem cabeças de cervos
tinha bolsas de couro e de veludo, atochadas
de diamantes, brancos como gotas d'água filtrada
em pedra, que os meus escravos - saídos mil, che-
gados dez - , tinham ido catar nas profundas do
sertão , muito para lá duma cachoeira grande, em
meia-lua, chamada de Iguaçu, muito prá lá doutra
cachoeira grande, de sete saltos chamada de
Igauaíra....

Tudo isso eu media e pesava e conta-
va, até cair de cansaço; e mal que respirava um
descanço, de novamente, de novamente pegava a
contar, a pesar, a medir.....

Tudo isto eu podia ter - e tinha,
de meu, tinha! - porque era dono da teiniaguá,
que estava presa dentro da guampa, fechada na
cunastra forrada de douro crú, tauxiada de cobre,
dobradiças de bronze!.....

Aqui ouvi o sino da torre badalando para a oração da meia-tarde....

Pela primeira vez não fui eu que toquei; seria um dos padres, na minha falta.

Todo o povo sesteava, por isso ninguém viu.

Voltei a mim. Lembrei-me que o animalzinho precisava de alimento.

Tranquei portas e janelas e saí para buscar um porongo de mel de lexiguana, por ser o mais fino.

E fui; melei; e voltei.

Abri sútil a porta e tornei a fechá-la ficando no escuro.

E quando descerrei a janela e andei para a canastra a tirar a guanpa e libertar a teiniaguá para comer o mel, quando ia fazer isso, os pés me entaizaram, os sentidos dos rostos se ariscaram e o coração mermou no compassar o sangue!...

Bonita, linda, bela, na minha frente estava a moça!....

Que disse!

IV

- Eu sou a princesa moura encantada, trazida de outras terras, por sobre o mar que os meus nunca sulcaram.... Vim, e Anhangá-pitã

transformou-me em teiniaguá de cabeça luminosa, que os outros chamam o - carbúnculo - e temem e desejam, porque eu sou a rosa dos tesouros escondidos dentro da casca do mundo....

Muitos têm me procurado com o peito sómente cheio de torpeza, e eu lhes hei escapado das mãos ambicioneiras e dos olhos cobiçosos, relampejando desdenhosa o lume vermelho da minha cabeça transparente...

Tu, não; tu não me procuraste ganoso...e eu subi ao teu encontro; e me bem trataste pondo água na guampa e trazendo mel fino para meu sustento.

Se quiseres, tu, todas as riquezas que eu sei, entrarei de novo na guampa e irás andando e me levarás onde eu te encaminhar, e serás senhor do muito, do mais, de tudo!...

A teiniaguá que sabe dos tesouros, sou eu, mas sou também princesa moura....

Sou jovem...sou formosa...meu corpo -e riço e não tocado!...

E estava escrito que tu serias o meu par .

Serás o meu par....se a cruz do teu rosário não me esconjurar....Senão, serás

ligado ao meu flanco, para, quando
quebrado o encantamento, do sangue de nós ambos
nascer uma nova gente, guapa e sábia, que nunca
mais será vencida, por que terá todas as
riquezas que eu sei e as que tu lhe acarreará
por via dessas!...

Se a cruz do teu rosário não me
esconjurar....

Sobre a cabeça da noiva arroteleja-
va neste instante o crescente dos fiéis....

E foi se adelgaçando no silêncio a
cadência embalante da fala induzidora....

A cruz do meu rosário....

Fui passando as contas, apressado
e atrevido, começando na primeira....e quando
tentei a última....e que entre as duas os meus
dedos, formigando, deram com a Cruz do Salvador
....fui levantando o Crucificado...bem em frente
da bruxa em salvatério...na altura do seu coração
....na altura da sua garganta....da sua boca...
na altura dos....

E aí parou, porque olhos de amor,
tão soberanos e cativos, em mil vidas de homens
outros se não virão!...

Parou...e a minha alma de cristão
foi saindo de mim, como o sumo se aparta do ba

gago, como o aroma sai da flor que vai apodrecendo....

Cada noite era meu ninho e regaço da moura; mas, quando batia a alva, ela decaparecia ante a minha face cavada de olheiras...

E crivado de pecados mortais, no adjutório da missa trocava os amém e todo me estortegava e doia quando o padre lançava a bênção sobre a gente ajoelhada, que rezava para alívio dos seus pobres pecados, que nem pecados eram, comparados com os meus....

Uma noite ela quis misturar o mel do seu sustento com o vinho do santo ~~vítil~~ sacrifício; e eu fui, busquei no altar o copo de ouro consagrado, todo lavorado de palmas e resplendores; e trouxe-o, transbordante, transbordando....

De boca para boca, por lábio incendiados o passamos....

E embebedados caímos abraçados....

Sol nado, despertei; estava cercado pelos santos padres.

Eu, descomposto; no chão o copo entornado; sobre o oratório, desdobrada, uma charpa de seda, lavrada de bordaduras exóticas

onde sobressaía uma meia-lua prendendo entre as
aspas uma estrela...E acharam na canastra a
guampa e no porongo^o mel....e até no ar farejaram
cheiro mulherengo...Nem tanto era preciso para
ser logo jungido em manilha de ferro....

Afrontei o arrocho da tortura,
entre ossos e carnes amachucadas e unhas e cabe
los repuxados. Dentro das paredes do segredo
não havia gritos nem palavras grossas; os padres
remordiam a minha alma, prometendo o inferno
eterno e espremiam o meu arquejo decifrando uma
confissão...; mas a minha boca não falou...não
falou por senha firme da vontade, que não me
palpitava confessar que era ela e que era linda.

E raivado entre dois amargos dese
peros não atinava sair deles: se das riquezas,
que eu queria só para mim, se do seu amor, que
eu não queria que fosse senão meu, inteiro e
todo!

Mas por senha da vontade a boca
não falou.

Fui setenciado a morrer pela
morte do garrote, que é infame; condenado fui
por ter dado passo errado com bicho imundo, que
era bicho e mulher moura, falsa, sedutora e
feiticeira.

Mas por senha da vontade a boca não falou.

No adro e no largo da igreja o povo batia nos peitos, clamando a morte do meu corpo e a misericórdia para a minha alma.

O sino começou dobrando a finados.

Trouxeram-me em braços, entre albardas e lanças, e um cortejo moveu-se, compassando a gente d'armas, os santos padres, o carrasco e o povaréu.

Dobrando a finados....dobrando a finados....

Era por mim.....

V

E quando, sem mais esperança nos homens e no socorro do céu, chorei uma lágrima de adeua a teiniaguá encantada, dentro do meu sofrer floretou uma réstia de saudade do seu cativo e soberano amor...como em rocha dura serpenteia as vezes um fio de ouro elastrado e firme como uma raiz que não quer morrer!....

E aquela saudade parece que saiu para fora do meu peito, subiu aos olhos em lágrima e ponteou para algum rumo, ao encontro doutra saudade rastreada sem engano.....;

parece, porque neste momento um ventarrão estotou sobre as aguas da lagoa e a terra tremeu, sacudida, tanto, de as árvores desprendem os seus frutos, de os animais estaquearem-se, medrosos, e de os homens cairem de ~~EXXEXE~~ cóc'eras, aguentando as armas, outros, de bruço, tateando o chão....

E nas correntezas sem corpo, da ventania, redemoinhavam em chusmas vozes guaraníes esbravejando se soltassem o padecente....

Para trás do cortejo, desfilando o som entre poiras grossas e folhas secas levantadas, continuava o sino dobrando a finados... dobrando a finados...

Os santos padres, pasmados nas sisudos, rezavam encomendando a minha alma; em roda, boquejando, chinas, piás, índios velhos, soldados de couraça e lança, e o alcaide, vestido de samarras amarelas e dois leões vermelhos e a coroa d'el-rei brilhando em canutilho de puro.

A lágrima do adeus ficou suspensa, como uma cortina que embacia o claro ver: e o palmital da lagoa, o boleado das coxilhas, o recorte da serra, tudo isto, que era grande e sózinho cada um enchia e sobrava para os olhos limpos dum homem, tudo isso eu enxergava junto

empastalhado e pouco, espelhando-se na lágrima suspensa, que se encrespava e adelgaçava, fazendo franjas entre as pestanas balançantes dos meus olhos de condenado sem perdão....

A menos de braça, estava o carrasco atento no garrote!

Mas os olhos do meu pensamento , altanados e livres, eses, esses viram o corpo bonito, lindo, belo, da princesa moura, e recreavam-se na luz cegante da cabeça encantada da teiniaguá, onde reinava os olhos dela, olhos de amor, tão soberanos e carivos como em mil vidas de homens outros se não viram!...

E por certo com essa força que nos ligava sem ser vista, como naquele dia em que o povo sesteava e também nada viu...por foga dessa força, quanto mais os padres e alguazis ordenavam que eu norresse, mais pelo meu livramento forcejava o peito da encantada, não sei se de amor perdida pelo homem, se de orgulho perverso do perjuro, se da esperança de um dia ser humana....

O fogo dos borrarhos foi-se alteando em labaredas e saindo pela quinha dos ranchos sem quinqualos....; as crianças de peito saltaram palavras feitas, como gente grande...; e bandadas de urubús apareceram e começaram a contraçar tão baixo, que se lhes ouvia o esfregar das

panas contra o vento....., a contradançar, afia-
dos para uma carniça que não havia porém que
havia de haver.

Mas os santos padres alinharam-se
na sombra do Santíssimo e borrifaram com água
benta e povo amedrontado; e seguiram, como num
propósito, encomendando a minha alma; o alcaide
levantou o pendão real e o carrasco varejou-me
sobre o garrote, infâmia de minha morte, por ter
tido amores com mulher moura, falsa, pedatera e
feiticeira...

Rolou, então, sobre o vento e
nele foi a lágrima do adeus, que a saudade
destilava.

Deu logo a lagoa um ronco bruto,
nunca ouvido, tão dilatado e monstruoso.....:
e rasgou-se cerce em um sangão medonho, entre
largo e fundo...e lá no abismo, na caixa por
onde já ia correndo, em borbotão, a água lamenta
sujando as barrancas novas, lá, eu vi e todos
viram a teiniaguá da cabeça de pedra transparente
fogaçando luminosa como nunca, a teiniaguá
correr, estrombando os barrocais, até rasgar,
romper, arruir a boca do sangão na slata barranca
do Uruguai, onde a correnteza em marcha despen-
cou-se espadanando em espumarada escura, como

caudal de chuvas tormentosas!...

A gente levantou pro céu um vozear de lástimas e choros e gemidos.

4. - Que a missão de S. Tomé ia perecer...e desabar a igreja... a terra expulsar os mortos do cemitério...que as crianças inocentes iam perder a graça do batismo..as mães secar o leite... e as roças o plantio, os homens a coragem....

Depois, um grande silêncio balançou no ar , como esperando....

Mas um milagre se fez: o Santíssimo de si próprio, perpassou a altura das cousas, e lá em cima, cortou no ar turvado a Cruz Bendita!

o padre superior tremeu como um terçã e tartamudo e trôpego machou para o povoado ; os acólitos seguiram, e o alcaide, os soldados, o carrasco e a indiada toda desandou, como em procissão, emparvados, num assombro, e sem ter mais do que tremer, porque ventos, fogos, urubús e estredos se humilheram, feneendo, dominados!

Fiquei sózinho, abandonado, e no mesmo lugar e mesmos ferros posto.

Fiquei sózinho, ouvindo com os ouvidos da minha cabeça as ladainhas que iam minguando em retirada... mas também ouvindo com

os ouvidos do pensamento o chamado carinhos da teiniaguá ; os olhos do meu rosto viam a consolação da graça de Maria Puríssima que se alongava.... mas os olhos do pensamento viam a tentação do riso mimoso da teiniaguá; o nariz do meu rosto tomava o fardo do incenso que fugia, ardendo e perfumando as santidades....mas o fardo do pensamento servia a essência das flores de mel fino que a teiniaguá tanto gostava; a língua da minha boca estava seca, de agonia, dura, de terror, amarga, de doença.... mas a língua do pensamento saboreava os beijos da teiniaguá, doces e macios, frescos e sumarentos, como a polpa de guabiju colhido ao nascer do sol; o tato de minhas mãos tocavam manilhas de ferro, que me prendiam por braços e pernas....mas o tato do pensamento roçava trôpego pelo corpo da encantada, torneado e rijo , que se encolhia em ~~ânsias~~ ânsias, arrepiado como um lombo de jaguar no cio, que se estendia planchado como um corpo de cascavel em fúria...

E tanto como o povo ia entrando na cidade, ia eu chegando à barranca do Uruguai; tanto como as gentes, lá, iam acabando as orações para alcançar a clemência divina, ia eu começando

o meu fadário, todo dado a teiniaguá que me enfeitigou de amor, pelo seu amor de princesa moura, pelo seu amor de mulher, que vale mais que destino de homem!....

Sem peso de dor nos ossos e nas carnes, sem peso de ferros no corpo, sem peso de remorsos na alma passei o rio para o lado do Nascente. A teiniaguá fechou os tesouros da outra banda e juntos fizemos então caminho para o Cerro do Jarau, que ficou sendo o paiol de todas as riquezas de todas as salamancas dos outros lugares.

Para memória do dia tão espantoso lá ficou o sangão rasgado na baixada da cidade de Santo Tomé, desde o tempo ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ antigo das Missões.

VI

Faz duzentos anos que aqui estou; aprendi sabedorias árabes e tenho tornado contentes alguns raros homens que bem sabem que a alma é um peso entre o mandar e o ser mandado...

Nunca mais dormi; nunca mais, nem fome, nem sede, nem dor, nem riso....

Passeio no palácio maravilhos, dentro deste Cerro do Jarau, ando sem parar e sem cansaço; piso com pés vagarosos, piso torrões de ouro em pó que se desfazem como terra fofa;

o areião dos jardins, que calco, enjeado, é todo feito de pedras verdes, amarelas e escuras, azuis, rodadas, violetas....e quando a encantada passa, todas incendeiam-se num íris de cores rebrilhantes, como se cada uma fosse uma brasa viva faiscando sem a mais leve cinza....? há poços gargos que estão atulhados de dolrões e de onças e peças de jóias e armaduras, tudo ouro maciço do Perú e do México e das Minas Gerais, tudo cunhado com os trfêus dos senhores reis de Portugal e de Castela e Aragão.

Eu olho para tudo, enfiado de ter e de não poder gozar nada entre os homens, como quando era como eles e como eles gemia necessida des e cuspi invejas, tendo horas de bom voração por dias de maldade e sempre aborrecimento do que possuía, ambicionando o que não possuía. ..

O encantamento que me aprisona consente que eu acompanhe os homens de alma forte e coração sereno que quiserem contratar a sorte nesta salamanca que eu tornei famosa, a do Jarau.

Muitos têm vindo...e têm saídox piorados, para lá longe irem morrer do medo aqui pegado, ou andarem pelos povoados assustando as gentes, loucos, ou pelos campos fazendo a vida com os bichos brutos.....

30....

Poucos toparam a parada...ah!...

mas esses que toparam, tiveram o que pediram, que a rosa dos tesouros, a moura encantada não desmente o que eu prometo, nem retoma 'o que dá!...

E todos os que chegam deixam um resgate de si próprias para o nosso livramento um dia ...

Mas todos os que vieram são alta meiros e vieram arrastados pela ânsia da sobice ou dos vícios, ou dos ódios: tu foste p único que veio sem pensar e o único que saudou como filho de Deus...

Foste o primeiro, até agora; quando terceira saudação de cristão bafejar estas alturas o encantamento cessará, porque estou arrependido, ... e como Pedro Apóstolo que tres vezes negou Cristo foi perdoado, eu estou arrependido e serei perdoado.

Está escrito que a salvação há de vir assim; e por ben de mim, quando cessar o meu cessará também o encantamento da teiniguá; e quando isso se der a salamanca desaparecerá, e todas as riquezas, todas as pedras finas, todas as peças cunhadas, todos os sortilégios,

todos os filtros para amar por força...para
matar...para vencer...tudo, tudo, tudo virará
fumaça que há de sair pelo cabeço roto do ferro,
espalhada na rosa dos ventos pela rosa dos
tesouros...

Tu me saudaste - o primeiro, tu! - saudaste-me
como cristão.

Pois bem:

alma forte e coração sereno!.... Quem isso tem,
entra na salamanca, toca o condão mágico e
escolhe o quanto quer ...

Alma forte e coração sereno! A
furna escura está lá: entra! Entra! Lá dentro
sopra um vento quente que apaga qualquer torcida
de candeia.... e tramado nele corre outro vento,
frio, frio....que corta como serrilha de geadas.

Não há ninguém lá dentro...mas bem
que se escuta voz de gente, vozes que falam....
falam, mas não se entende o que dizem, por que
são línguas atoradas que falam, são os escravos
da princesa moura, são os espíritos da teiniaguá.
Não há ninguém...não se vê ninguém...; mas há
mãos que batem, como convidando, no ombro de
quem entra firme, e que empurram, como ainda
ameaçando, o que recua com medo.....

Alma forte e coração sereno! Se entrares assim, se te portares lá dentro assim, podes então querer e serás servido!

Mas, governa o pensamento e segura a língua; o pensamento dos homens é o que os levanta acima do mundo, e a sua língua é que os amesquinha....

Alma forte e coração sereno!...Vai!

Blau, o guasca, apeou-se; maneou o flete e por de seguro ainda pelo cabresto prendeu-o a um galgo de cambium que verga sem quebrar-se; rodou as esporas para o peito do pé; aprumou de bom jeito o facão; santiguou-se e seguiu....

Calado fez; calado entrou.

O sacristão levantou-se e o seu corpo desfez-se em sombra na sombra da reboleira.

O silêncio que então se desdobrou era como o vôo parado da coruja: metia medo...

VII

Blau Nunes foi andando.

Entrou na boca da toca apenas aí clareada e isso pouco, por causa da enredida da ramaria que se cruzava nela; pra o fundo era tudo escuro.

Andou mais, num corredor das
branças; mais ainda; sete corredores nasciam deste.

Balu Nunes foi andando.

Enveredou por um deles; fez voltas
e contravoltas, subiu, desceu. Sempre escuro,
sempre silêncio.

Mãos de gente, sem gente que ele
visse, batiam-lhe no ombro.

Numa cruzada de carreiros **senti**u
ruidos de ferros que se chocavam, tinir de muitas
espadas, seu conhecido.

Por então o escuro já ia mudando
num luzir de vaga-lume.

Grupos de sombras com feitiços de
homens peleavam; nem pragas nem fuzilar d'olhos
raivosos, porém furiosos eram os golpes que elas
iam talhando uma nas outras, no silêncio.

Blau teve um relance de parada, mas
atentou logo no dizer do vulto de face branca e
tristonha - Alma forte, coração sereno....

E meteu o peito por entre os espi
nheiro das espadas, sentiu o corte delas, o fino
das pontas, o redondo dos copos...mas passou, sem
olhar aos lados, num entono, escutando porém o
choro e o gemido dos peleadores.

Mãos mais leves bateram-lhe no ombro como carinhosas e satisfeitas.

Outro mais ruído nenhum ouvia ele no ar quieto da fuma que o rangido dos cabrestilhos das suas esporas.

Blau Nunes foi andando.

Andando numa luz macia, que não dava sombra.. Enredada como os espinhos de um capim era a fuma, dando corredores sem conta, a todos os rumos; e ao desembocar do em que vinha, justo num cotovelo dele, saltaram-lhe aos quatro lados jaguares e punas, de goela aberta e bafô quente, patas levantadas mostrando as unhas, a cola mosqueando, numa fúria...

Ele bateu o peito e passou, sentindo a cerda dura das feras roçarem-lhe o corpo; passou sem pressa nem vagar, escutando os urros que para trás iam ficando e morrendo sem ecc...

As mãos, de braços que ele não via, em corpos que não sentia, mas que, certo, o ladeavam, as mão iam-lhe sempre afagando os ombros, sem bem o empurrar, mas atirando-o para adiante... adiante....

A luz ia na mesma, cor de vaga-lume, esverdeada e amarela....

Blau Nunes foi andando.

Agora era um lançante e ao fim dele parou num redondel topetado de ossamentas de criaturas. Esqueletos, de pé, encostados uns nos outros, muitos, derreados, como numa preguiça pelo chão caídas, partes deles, despençadas; ca veiras soltas, dentes branqueando, tempos de cabeças, buracos de olhos; pernas e pé em passos de dança, alcatras e costelas meneando-se num vagar compassado, outras em saracoteio....

Aí o seu braço direito quase moveu-se acima, como para fazer o sinal da cruz...- porém...- alma forte, coração sereno! - meteu o peito e passou entre as ossadas, sentindo o bafio que elas soltavam das suas juntas bolorentas.

As mãos, aquelas, sempre brandas, afagavam-lhe outra vez os ombros...

Blau Nunes foi andando.

O chão ia alteando-se, numa trepada forte que ele venceu sem aumentar a respiração; e num desvão, a modo dum forno, teve de passar por uma como porta dele, e aí dentro era um jogo de línguas de fogo, vermelho e forte, como atizado de lenha de nhanduvai; e repuxos d'água, saídos das paredes, batiam nele e ferviam, chiando, fazendo vapor; um ventarrão rondava ali dentro, enovelando águas e fogos, que era uma temeridade cortar aquele turbilhão....

36...
Outra vez ele meteu o peito e
passou, sentindo o mormaço das labaredas.

As mãos do ar mais o palmeavam nos
ombros, como querendo dizer, - muito bem! - .

Blau Nunes foi andando.

Já tinha perdido a conta do tempo
e do rumo que trazia; sentia no silêncio como
que um peso de arreugas; a claridade, nortiga,
porém, já se lhe assentara nos olhos e tanto,
que via adiante, em sua frnete e caminho
um corpo enroscado, sarapintado e grosso, batendo
no chão uns chocalhos, grandes como ovos de téu-
téu.

Era a boicininga, guarda desta pas-
sagem, que levantava a cabeça flechosa, lanceando
o ar com a língua de vabelos, preta, firmada
no vivente a escama dos olhos, luzindo, preto,
como botões de veludo....

Das duas presas recurvas, grandes
como as aspas de um tourito de soberano, pingava
uma goma escura, que era a peçonha sobrando por
um muito jejum de mortandade, lá fora...

A boicininga - a cascavel amaldiço-
ada - toda se meneava, chocalhando os guisos,
como por aviso, fusturando o ar com a língua, como
por prova....

Uma serenada de suor minou a testa do peisano...porém ele meteu o peito e passou, vendo, sem olhar, a boicininga altear-se e descair, chaba e tremente, ...e apassou, ouvindo o choca lho da que não perdoa, o silbido da que não esquece...

E logo, então, que era este o quinto passo da valentia que vencera sem temer - de alma forte coração sereno - logo então as mãos voante anediaram-lhe o cabelo, palmearam-lhe mais chegadas aos ombros.

Blau Nunes foi andando.

Desembocou num campestre, de grama do fofo. que tinha um cheiro doce que ele não conhecia; em toda volta arvores floradas estadeando frutos; passarinhadas de penas vivas e de cantoria alegre; veadiños mansos; caperorecas e outro muito bicharedo, que recreavam os olhos; e listando a meio o campestre, brotando duma roca coberta de samabaías, um olho-d'água que caía em toalha e logo corria em riachinho, pipocando o quanto-quanto num areão solto, palhetando de malachetas brancas, como uma farinha de prata...

E logo uma ronda de noças - cada qual que mais cativa! - uma ronda alegre saiu dentre o arvoredo, a cercá-lo, a seduzi-lo, a ele Blau, gaúcho pobre, que só mulheres de anágua resvalonas conhecia....

Vestiam-se umas em frouxo trançado de flores, outras de fios de contas, outras na própria cabeleira solta...; estas chegavam-lhe a boca caramujos estrambóticos, cheios de bebida recendente e fumegando entre vidros frios, como de gauda; dançavam outras num requebro macabro como marcado por música...outras lá acenavam-lhe para a lindeza dos seus corpos, atirando no chão esteiras macias, num convite aberto e ardiloso...

Porém ele meteu o peito e passou, com as fontes golpeando, por motivo do ar malicioso que o seu bofe respirava...

Blau Nunes foi andando...

Entrou no arvoredo e foi logo rodeado por um tropa de anões, cambaios e cabeçudos, cada qual melhor para a galhofa, e todos em piruetas e mesuraras, fandangueiros e volantins, pulando como arranhões, aramando lutas, fazendo caretas impossiveis para rostos de gente...

Porém o paisano meteu o peito neles e passou, sem nem sequer um ar de riso no canto dos olhos....

E com este, que era o último, contou os sete passos das provas.

E logo então, aqui, surgiu-lhe em frente o vulto de face tristonha e branca, que, certo, lhe andara nas pisadas, de companheiro - sem corpo - sem nunca lhe valer nos apuros do caminho; e tomou-lhe a mão.

E Blau Nunes foi seguindo.

Por detrás de um cortinado como de escamas de peixe-dourado, havia um socavão reluzente. E sentada numa banquetta transparente, fogueando cores como as do arco-íris, estava uma velha, muito velha, carquinchada e curvada, e como tremendo de cada um.

E segurava nas mãos uma varinha branca, que ela revirava e tangia, e atava em nós que se desfaziam, laçadas que se deslaçavam e torcidas que se destorciam, ficando sempre linheira.

- Cunhã, disse o vulto, o paisano quer!

- Tu vieste; tu chegaste; pede, tu, pois! respondeu a velha.

E moveu e ergueu o corpo negro, dando estalos nas juntas e levantou a varinha para o ar; logo o condão coriscou sobre ela uma

- chuva de raios, mais que como num temporal desfeito das nuvens carregadas cairia. E disse:

- Por sete provas que passaste, sete escolhas dar-te-ei... Paisano, escolhe! Para ganhar a parada em qualquer jogo;.... de naipes, que as mãos ajeitam, de dados, que a sorte revira, de cavalos, que se cotejam, do osso, que se copeja; da rifa... queres?

- Não! disse Blau, e todo o seu parecer foi se mudando num semelhante como do sonâmbulo, que vê o que os outros não vêem... como os gatos, que acompanhavam cousas que passam no ar e ninguém vê....

- Para tocar a viola e cantar... amarrando nas cordas delas o coração das mulheres que te escutarem...., e que não de sonhar contigo e ao teu chamado irão - obedientes, como aves varadas pelo olhar das cobras - , deitar-se entregues ao dispor dos teus beijos, ao apertar dos teus braços, ao resfolegar dos teus desejos... queres?

- Não! responde a boca, por mandado só do ouvido....

- Para conhecer as ervas, as raízes, o suco das plantas e assim poderes curar os males dos que tu estimares e desfazer a saúde dos que

aborreceres;... e saber simpatias fortes para dar sonhos ou loucura, para tirar a fome, relaxar o sangue, e gretar a pele e espumar os ossos.. ou para ligar apartados, achar cousas perdidas, descobrir invejas...; queres?

- Não!!

- Para não errar golpes - de tiro, lança ou faca, - em teu inimigo, mesmo no escuro ou na distância, parado ou correndo, destro ou prevenido, mais forte que tu ou astucioso...; queres?

- Não!!

- Para seres mandão no teu distrito e que todos obedeçam sem resmungos...seres língua com os estrangeiros e que todos te entendam... queres?

- Não!

- Para seres ricaço de campo e gado e manadas de todo o pelo;.... queres?

Para fazeres pintura em tela, versos harmóniosos, novelas de sofrimentos, autos de chocarrice, musicas de consolar, labores no ouro, figuras no mármore?...queres?

- Não!

- Pois que em sete poderes te não fartas, nada te darei, por que do que te foi

prometido nada quizeste. Vai-te!

Blau nem se moveu; e, carpindo dentro em si a própria rudeza, pensou no que queria dizer e não podia e que era assim:

- Teiniaguá encantada! Eu te queria a tí, porque tu és tudo!... És tudo o que eu não sei o que é, porém que atino que existe fora de mim, em volta de mim, superior a mim... Eu te queria a tí, teiniaguá encantada!....

Mas um escuridão fechada, como nem noite a mais escura dá parelha, caiu sobre o silêncio que se fêz, e uma força torceu o paisano.

Blau Nunes arrastou um passo a outro e terceiro; e desandou caminho; e quanto ele andava em voltas e contravoltas, em subidas e descidas, tanto em direitura foi bater na boca da fuma por onde havia entrada, sem engano.

E viu atado e quieto seu cavalo; em roda as mesmas restingas, ao longe os mesmos descampados rosqueados da pontas de gado, a um lado o encordoado das coxilhas, a outro, numa aberta entre os matos num claro prateado, que era água do arroio.

Memorou o que tinha acabado de ver e de ouvir e de responder; dormido, não tinha

,nem gosto lhe tirara o entendimento.

E pensou que tendo tido oferta de muito não lograra nada por querer tudo; ...e num arranço de raiva cega decidiu outra investida.

Voltou-se para entrar de novo... mas bateu coo poeito na parede dura do carpo. Terra maciça, mata cerrada, capins, límos... e nenhuma fresta, nem brecha nem buraco, nem fuma, caverna, toca, por onde escorresse um corpinho de guri, quanto mais passasse porta de homem!...

Desanimado e pensoso, compor o cavalo e montou; e ao dar de rédea apareceu pelo lado de laçar o sacristão, o vulto de face branca e tristonha, que tristemente estendeu-lhe a mão, dizendo:

- Nada quiseste; tiveste alma forte e coração sereno, tiveste, mas não soubeste governar o pensamento nem segurar a língua!... Não te direi se bem fizeste ou mal. Mas como és pobre e isto te aflige, aceita este meu presente, que te dou. É uma onça de ouro que está furada pelo condão mágico; ela te dará tantas outras quantas quizeres, mas sempre de uma em uma e nunca mais que uma por vez; guarda-a em lembrança de mim!

E o copro do sacristão encantado
desfaz-se em sombra na sombra da reboleira....

Blau Nunes, meteu na guaiaca a
onça furada, e deu de rédea.

O Sol já tinha cambado e o Cerro do Jarau já
fazia sombra sobre os baburrais e restingas
que lhe formavam assento.

VIII

Na troteada para o posto em que
morava, um ranchote de beira no chão tendo por
porta um couro - , Blau rumeou para uma venda
grande que surtia aquele vizindário, mesmo a
troco de courama, cerda, ou algum tambeiro; e
como vinha de garganta seca e a cabeça atordoada
mandou botar uma bebida.

Bebeu; e puxou da guaiava a onça e
pagou; era tão mínima a despesa e o câmbio que
veio, tanto, que pasmou, olhando para ele, de tão
desacostumado que andava de ver dinheiro tanto,
que chamasse seu...

E de dedos engatanhados socou-o
para dentro da guaiaca, sentindo-lhe o peso e o
sonido afogado.

Calado, montou de novo, retirando-
se.

No caminho foi pensando nas cousas todas que carecia e que iria comprar. Entre apenas as armas e roupas, um lenço grande e umas botas, e outro cavalo, umas esporas e embelecões que pretendia, andava tudo por uma mão-cheia de cruzados; e a si próprio perguntava se aquela onça encantada, dada para indez, teria mesmo o condão de entropilhar outras muitas, tantas como as que precisava, e mais ainda, outras e outras que o seu desejo fosse despendendo?....

Chegou ao posto, e como homem avisado, não falou de que fizera durante o dia, apenas do boi barroso, que campeou e não achou; e no seguinte, logo cedo saiu a empear a prova do prometido.

Naquele mesmo negociante ajustou umas roupas tafulonas; e mais uma adaga de cabo e bainha com anéis de prata; e mais as esporas e um rebenque de argolão.

Toda a compra passava de tres onças.

E Blau, as fontes latejando, a boca cerrada, num aperto que lhe fazia doer o carrinho, piscando os olhos, a respiração stro pelada, todo ele numa desconfiança, Blau, por debaixo do seu balandrau remendado começou a garguntear a guaiaca... e caiu-lhe na mão uma

onça...outra...e outra.... e outra!.... As quatro, que por agora era tão de jeito!...

Mas não caíram duas e duas ou três e uma, ou as quatro, juntas, porém sin de uma a uma, as quatro, de cada vez uma só...só uma...

Voltou ao rancho com a maleta atochada, mas, como homem avisado, não falou do acontecido.

No outro dia seguiu a outro rumo, para outro negociante mais forte e de prateleiras mais variadas, Já levava alinhavado o settimento que ia fazer, e muito em ordem foi encomendando a parte das cousas, tendo o cuidado em não querer nada de cortar, só peças inteiras, que era para, no caso de falhar a onça, recuar da compra, fazendo um feio, é verdade, mas não sendo obrigado a pagar estrago algum. Notou a conta que andava por quinze onças, uns cruzados pra menos.

E outra vez, por baixo do seu balandrau remendado, começou a gargantear a guaiaca, e lgo lhe foi caindo na mão uma onça... e segunda...outra...e quarta, mais outra, e sexta...e assim de uma em uma, as quinze necessárias!

O comerciante ia recebendo e alinhando sobre o balcão as moedas conforme elas vinham minando da mão do pagador, e quando

estavam todas disse, entre risonho e desconfiado:

- Guê-pucha!...cada onça das suas parece que é um pinhão, que é preciso decessar à unha!...

No terceiro dia passou na estrada uma cavallhada; Blau fez parar a tropa e ajustou uma quadrilha, apartada por ele, à sua vontade, e como facilitou o preço, fechou-se o trato.

Ele e o capataz, sós no meio da cavallhada, iam fazendo mover-se os animais; no apinhado de todas Blau marcava a cabeça que mais lhe agradava pelo focinho, pelos olhos, pelas orelhas; com um sóvéu fino, de armada pequena, rebolesva por dentro e ia, laçar o gual escolhi do; se ainda sem ovas e bons cascos, aprazia-lhe, tirava-o então como seu, para o potreiro de piquete.

Olho de campeiro, não errou vez alguma a escolha, e trinta cavalos, a flor, foram apartados, custando quarenta e cinco onças.

E enquanto a tropa verdeava e bebia, os tratistas foram para sombra de uma figueira que havia na beira da estrada.

Blau por debaixo do seu balandrau remendado, ainda desconfiado, começou a gargan-tear a gualaca... e foi logo aparando, onça por

onça, uma, tres, seis, dez, dezoito, vinte e cinco, quarenta, quarenta e cinco!...

O vendedor, estranhando aquela novidade e demora, não se conte e disse:

- Amigo! As suas onças parecem talas de jerivá que só cai uma de cada vez!...

Depois desses tres dias de prova, Blau acreditou na onça encantada.

Arrendou um campo e comprou o gado, prá mais de dez mil cabeças, aquerenciado.

O negócio era muito acima de tres mil onças, a pagar no recebimento.

Aí o coitado perdeu quase o dia inteiro a gargantear a guaiaca e a aparár onça por onça, uma atrás da outra, sempre uma a uma!..

Cansou-lhe o braço; cansou-lhe o corpo; não falhava golpe, mas tinha de ser como martelada, que não se dá duas ao mesmo tempo.

O vendedor, à espera que Blau completasse a soma, saiu, mateou, sesteou; e quando, sobre a tarde, voltou à ramada, lá estava ele ainda aparando onça trás onça!...

Ao escurecer estava completo o ajuste.

Começou a correr a fama da sua fortuna.

E todos esportavam-se, por ele, gaúcho despilchado de ontem, pobre, que só tinha de seu as chileas, afrontar os abonados, assim, do pé para mão. ...E também era falado o seu esquisito modo de pagar - que pagava sempre, valha a verdade - só de onça por onça, uma depois de outra e nunca, nunca ao mesmo luas, acolheradas!...

Aparecia gente a propor-lhe negócio, ainda de pouco preço, só para ver como aquilo era; e para todos era o mesmo mistério...

Mistério para o próprio Blau, muito rico! ...muito rico Mas todo o dinheiro que ele recebia, que entrava das vendas feitas, todo o dinheiro que lhe pagavam a ele, todo isso parecia, guardado na arca de ferro, desaparecer como desfeito em ar....

Muito rico,,. muito rico das onças que precisasse nunca faltaram para gastar no que lhe parecesse; bastava-lhe gargantear a guaiaca, e elas começavam a pingar...mas nenhuma das que recebia lhe ficava, todas evaporavam-se, como água em tijolo quente.....

IX

Então começou a correr um boquejo de ouvido para ouvido...e era que ele tinha

parte com o diabo, e que o dinheiro dele era maldito porque todos com quem tratava e recebiam das suas onças, todos entravam, ao depois, a fazer maus negócios, e todos perdiam em prejuízo, exactamente a quantia igual às de suas mãos recebida.

Ele comprava e pagava à vista, é certo; o vendedor contava e recebia, é certo... mas o negócio empreendido com este valor era prejuízo garantido.

Ele vendia e recebia, é certo; mas o valor recebido, que ele guardava e rondava, sumia-se como um vento, e não era roubado nem perdido; era sumido, por si mesmo...

O boquejar foi alastrando, e já diziam, que aquilo, por certo, era mandinga, arrumada na salamanca do jarau, onde ele foi visto mais de uma feita...e que lá é que se jogava a alma contra a sorte....

E os mais vivarachos já faziam suas madrugadas sobre o Jarau; outros, mais sorrosos, prá lá tocavam-se ao escurecer, outros, atrevidos iam a meia-noite, outros ainda ao primeiro cantar dos galos...

E como nesse carreiro de precatados, cada um fazia por ir mais escondido, sucedeu-se que como sombras se fechavam entre as sombras das reboleiras, sem atinar coa salamanca, ou seu topete, para, na escuridão, quebrar aquele silêncio, chamando o santão, num grito alto....

No entanto. Blau, começou a ser tratado de longe como um chimarrão rabioso....

Já não tinha com quem pausar; churrusqueava solito, e solito mateava, rodeado dos cachorros, que uivavam, às vezes um, às vezes todos....

A peonada foi saindo e conchvando-se noutras partes; os negociantes nada compravam e negaceavam para vender-lhe; os andantes cortavam campo para não pararem nos seus galpões....

Blau deu em cisnar, e cisna foi que resolveu acabar com aquele cerco de isolamento que o ralava e esmorecia....

Montou a wavelo e foi ao cerro. Na trepada sentiu aos dois lado barulho nas bamburrais e nas restingas, mas pensou que seria uma ponta de gado xucro que disparava, e não

fez caso; foi trepando. Mas não era, não, gado xucro e espantado, nem guaraxaim corrido, nem tatu vadio; era gente, gente que se escondia uns dos outros e dele....

Assim chegou à reboleira do mato, tão sua conhecida e recordada, e como chegou, deu de cara com o vulto de face branca e tristonha, o sacristão encantado, o santão.

Ainda desta vez, como era ele que chegava, a ele competia louvar; saudou, como da outras:

- Laus' Sus-Cris'!...

- Para sempre, amém! respondeu o vulto.

Então Blau, de a cavalo, estirou-lhe aos pés a onça de ouro, dizendo:

- Devolvo! Prefiro a minha pobreza dantes à riqueza desta onça, que não se acala, é verdade, mas que parece amaldiçoada, porque nunca tem parelha e separa o dono dos outros donos de onças!...Adeus...Fica-te com Deus, Sacristão!

- Seja Deus louvado! disse o vulto e caiu de joelhos, de mãos postas, como numa rosa. Pela terceira vez falaste no Nome Santo, tu, paisano, e com ele quebraste o encantamento!... Graças!...Graças!...Graças!...

Neste mesmo instante, que era o da terceira vez que Blau saudava no Nome Santo, neste mesmo momento ouviu-se um imenso abouro, que retumbou naquela vinte léguas em redor; o Cerro do Jarau tremu de alto a baixo, até as suas raízes, nas profundas da terra, e logo, em cima, no chapéu do espigão, apareceu, cresceu, subiu, aprumou-se, brilhou, apago-se, aprumou-se, uma língua de fogo, alta como um pinheiro, e apagou-se e começou a sair funaça negra, em rolos grandes, que o vento ia tocando para longe, por cima do encordoado das coxilhas, sem ruído feito, porque a fumaceira inchava e desparramava-se no ar, dando voltas e contra-voltas, torcendo-se, enroscando-se, em altos e baixos, num desgoverno, como uma tropa de gado alçado, que espirra e se desmancha como água passada em regador...

Era a queima dos tesouros da salamanea, como dissera o sacristão.

Sobre as caídas do Cerro, levantou-se um vozerio e tropel: eram os maulas que andavam rastreando a fuma encantada e que agora fugiam, desguaritados, como filhotes de perdiz!

X

Para os olhos de Blau o cerro ficou como de vidro transparente, então viu ele o que lá dentro se passava: os brigões, os jaguares, os esqueletos, os anões, as lindas moças, a boicininga, tudo, torcido e enovelado, amontoado, revolvido, corcoveava dentro das labaredas vermelhas que subiam e apagavam-se dentro dos corredores, cada vez mais carregados de fumaça... e urros, gritos, tinidos, silbidos, gemidos, tudo se confundia, no tronar da voz maior que estrondeava no cabeço empachado do cerro.

Ainda uma vez a velha carquicha transformou-se em teiniaguá... e a teiniaguá na princesa moura... a moura numa tapuia formosa... e logo o vulto da fce branca e tristonha tornou à figura do sacristão de S. Romé, o sacristão, por sua vez, num guasca desencapado...

E assim, quebrado o encantamento que suspendia fora da vida das outras aquelas criaturas vindas do tempo antigo e de lugar distante, aquele par, juntado e tangido pelo Destino, que é senhor de todos nós, aquele

par novo, de mãos dadas como namorados, deu costas ao seu cesterro, e descendo a pendente do Coxilhão, até a várzea limpa, plana e verde serena e amornada de sol claro, toda bordada de boninas amarelas, de bibis roxas, de malmequere brancos, como uma cancha convidante para uma cruzada de ventura, em viagem de alegria a caminho do repouso....

Blau Nunes também não quis mais ver; traçou sobre o seu peito uma cruz larga, de defesa, na testa do seu cavalo outra, e de rédea e d'espacito foi baixando a encosta do cerro, com o coração aliviado e retinindo como se dentro dele cantasse o passarinho verde....

E agora está certo de que era pobre como dantes, porém que comeria em paz o seu churrasco...; e em paz o seu chimarrão, em paz a sua seta, em paz a sua vida!...

=====

Assim acabou a salamanca do Cerro do ~~XXX~~ Jarau, que aí durou duzentos anos, que tanto se contam desde o tempo das Sete Missões, em que estas cousas principiaran.

Anuhngá-pitã, também, desde aí, não foi mais visto. Dizem que, desgostoso, após escon-
dido, por não haver tomado tenencia que a teiniaguã era mulher.....